



MAPEAR, CONSTRUIR E DECIDIR: A COMPREENSÃO DOS TERRITÓRIOS DA INFÂNCIA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA

Área Temática: Educação

Universidade Federal da Fronteira Sul/*Campus* Chapecó (UFFS)

Autores: Roseny BERNARDI¹; Matheus SILVA²; Alexandre MATIELLO³.

Introdução

O potencial de uma cidade é construído através da reflexão dos indivíduos sobre o lugar onde vivem. No bojo da cidade educadora, movimento surgido a partir da Carta das Cidades Educadoras e construído a partir de congressos dedicados ao tema, Gadotti (2006) apresenta que uma cidade desfruta de variados espaços constituídos como educadores. Sendo assim, a cidade pode constituir espaços de aprendizagens espontâneos e culturalmente responsáveis pela aprendizagem de um indivíduo. A institucionalização do saber e de valores não cabe somente a instituições tradicionais, a exemplo da família e da escola, mas também mediante o ato de vivenciar a cidade por meio da apropriação de territórios educativos dispostos no meio urbano. Para Azevedo et al. (2016), o território precisa ser compreendido à luz da rede formada pelo agenciamento de atores, sejam eles pessoas ou diferentes artefatos, que implicam em relações de apropriação, identidade e pertencimento, e portanto, constantemente ressignificado no cotidiano.

Refletir sobre o direito à cidade dentro da escola, sendo a cidade como um objeto de estudo, é necessário à compreensão das referências disciplinares juntamente com a idade e ideias dos alunos para sua formação cidadã e compreensão da dinâmica social e espacial do objeto estudado. (ALDEROQUI; PENCHANSKY, 2002). Partindo dessa perspectiva, o projeto teve por objetivo levar crianças (entre 10 e 11 anos) do 5º ano de uma escola inserida

¹ Roseny Bernardi, discente do curso de graduação em Ciências Sociais.

² Matheus Cardoso da Silva, discente do curso de graduação em Ciências Sociais.

³ Alexandre Maurício Matiello, docente do curso de graduação em Ciências Sociais.

em um bairro de vulnerabilidade socioeconômica da cidade de Chapecó/SC, a mapear territórios educativos, construindo uma análise reflexiva sobre todos os possíveis espaços que comportam formas de aprendizagem além dos muros da escola. Assim surge dentro do espaço escolar o desafio de incorporar a cidade como foco de apropriação e direito para as crianças, a partir da reflexão de problemas sociais e construção da espacialidade por meio da reflexão de vivências significativas dentro do território analisado. (LOPES, 2007 p.47)

Metodologia

Baseando-se na pesquisa-ação para identificação de territórios educativos (SINGER, 2011), e utilizando-se de dispositivos utilizados para identificação dos territórios educativos inspirados em Rheingantz et al (2009) e para o exercício participativo, a exemplo do conselho das crianças, (TONUCCI, 2005) foram adaptadas na forma de oficinas com as crianças o Mapeamento visual, o Poema dos desejos, o Walkthrough e a Matriz de descobertas entre outros. Na tabela a seguir são sintetizados os procedimentos realizados nas oficinas e seus objetivos:

1. Síntese dos instrumentos desenvolvidos

Nome	Organização	Objetivos
Mapeamento visual ⁴	Os alunos foram distribuídos em trios e ou duplas. Para essa atividade, usou-se como material base: uma foto área do bairro e adesivos para identificação de T.E.	Exercitar a primeira apreensão do conceito de territórios educativos a partir do contato com fotos aéreas.
Walkthrough com agentes de saúde em área irregular	Caminhada (Walkthrough) pelas áreas irregulares próximas a escola. Grupo formado por agentes de saúde, estudantes voluntários, professores e as crianças. Após a explicação as crianças fizeram um cartaz associativo	Registrar de forma associativa com imagens e tarjetas os problemas, agentes e possíveis soluções para a realidade observada na visita com as agentes de saúde nas áreas irregulares do bairro.

⁴⁴ De acordo com Rheingantz et a. 2009, Mapeamento visual é um instrumento que permite avaliar a percepção quanto à apropriação e demarcação dos territórios, fazendo assim uma releitura da realidade.

Walkthrough instituições (Rádio, Centro de convivência, centros de artes e esportes, auto escola, unidade básica de saúde, museu zoobotânico, museu de arte e história, memorial Paulo de Siqueira, galeria de arte)	A visita às instituições foi organizada em grupos e com a turma, repertoriando as crianças com dispositivos como o mapeamento visual do que poderia ser aproveitado como potencial educativo.	Explorar os potenciais educativos em termos de funcionamento, atividades e potencialidades educativas dos espaços e agentes, registrando por meio de linguagem lúdica, como folders turístico, painéis os aprendizados.
Matriz de descobertas: Atlas dos territórios educativos	As crianças organizaram-se em duplas para entrevistarem-se entre si colhendo depoimentos sobre como aprenderam com as oficinas.	Sintetizar e reunir em um Atlas seus aprendizados e submeter a avaliação crítica de outras crianças.
1ª Assembleia (conselho das crianças)	As crianças participantes e o público foram organizados em grupos para apresentar o atlas e geração de propostas	Apresentar o Atlas; ouvir sugestões dos convidados; desenvolver as propostas de modificação e inclusão de novos territórios educativos no bairro e na cidade; exercitar a capacidade participativa entre as crianças.
Construção das maquetes (Poema dos desejos)	As crianças foram organizadas em duplas a construção das maquetes respondendo às demandas da 1ª assembleia.	Exercitar a capacidade prospectiva e criativa a respeito das necessidades das crianças.
2ª Assembleia	Apresentação das maquetes para o público.	Exercitar a capacidade de discussão para o projeto e a dimensão participativa entre as crianças.

Desenvolvimento e processos avaliativos

No que diz respeito ao “Mapear”, o primeiro dispositivo utilizado foi o Mapeamento visual, com o qual as crianças conseguiram se localizar no mapa com mais familiaridade os condomínios próximos, suas casas e de colegas. Espaços para lazer foram locais recorrentes sinalizados pelas crianças, mesmo contendo aspectos negativos como o consumo de drogas.

Quanto ao Walkthrough pela área irregular, destaca-se a compreensão que as crianças tiveram sobre a relação do assentamento com a desassistência do poder público. Na forma de registro em cartaz, a dinâmica associativa permitiu que o conhecimento adquirido na visita a

área irregular desse um salto, fazendo com que problematizassem sobre soluções e agentes envolvidos.

Na rádio, além de ser um ensaio dos dispositivos, as crianças compreenderam o caráter comunitário da instituição. Nas demais instituições, houve também a preocupação em compreender as atividades que eram realizadas; as profissões relacionadas, como na universidade e nos serviços públicos, como no caso do Centro de convivência; os acervos e sua relação com os conteúdos curriculares, como no caso dos museus; o papel social das instituições, como caso do posto de saúde e da associação de catadores; além, é claro, de refletirem sobre sua apropriação destes diversos territórios educativos, muitos deles desconhecidos das crianças. Utilizando-se dos registros, foi composto um Atlas dos territórios educativos que também serviu de dispositivo, e não só de síntese, uma vez que foi o motivador da 1ª assembleia, a qual introduziu o “Decidir”, e durante a qual se fez uma apresentação para o público a respeito das descobertas realizadas pelas crianças. Nesta e na 2ª assembleia, destacam-se aprendizados relacionados com a perda da timidez, autonomia nas decisões, experiência com votações diretas e uma maior participação nas tomadas de decisão sem a interferência de adultos.

Além disto, o momento “Construir”, que envolveu as crianças no desenvolvimento das maquetes, demonstrou sua capacidade de articular aspectos funcionais e estéticos, bem como de gestão dos equipamentos propostos, além de incorporar referências visuais que lhes foram trazidas como inspiração.

Considerações Finais

As crianças demonstraram compreender o conceito de territórios educativos de maneira a incorporar isto no seu processo formativo, ampliando suas percepções, sem que isto deixasse de considerar suas impressões já consolidadas. Isto se deve ao método da pesquisa-ação valorizar os participantes da pesquisa como sujeitos, e no caso deste trabalho, as crianças também demonstram sua criticidade sobre as próprias propostas lançadas pela equipe.

Além de revelarem que o seu mundo cotidiano se limita muito ao entorno da casa e da escola, pode-se perceber que têm uma compreensão de problemáticas do bairro como a desassistência do poder público, seja em infraestrutura, seja no atendimento de suas demandas como crianças, sobretudo de lazer, mas também de saúde. Apontam sem pudores os espaços

frequentados pelos usuários de drogas, com os quais conflitam pelo uso dos espaços públicos. Reportam os limites de usufruto de espaços devido ao ônus pra utilização, propondo a gratuidade em várias de suas propostas. Assumiram de forma bastante protagonista a condução das oficinas de assembleias, ouvindo seus colegas e revelando que nunca haviam experimentado fazer escolhas e decisões sem interferência dos adultos.

Ainda que num ambiente simulado, acreditamos que este exercício tenha propiciado não só colocar as crianças num papel participativo, como também levado elas a perceber o quanto a cidade é uma escola. Por outro lado, ao serem elas autoras de um atlas, uma espécie de material didático da cidade, pode se perceber também a significativa elevação de autoestima da turma, desempenhando papéis e habilidades que não costumam lhes ser requisitadas, mas que se desafiaram a exercer, como coordenar, apresentar, escolher, votar, propor, mostrando que a cidadania não é um direito exclusivo dos adultos.

Referências

ALDEROQUI, Silvia; PENCHANSKY, Pompei (Comp.) **Ciudad y ciudadanos**: aportes para la enseñanza del mundo urbano. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2002. p. 44-53.

AZEVEDO, Giselle A. N.; RHEINGANTZ, Paulo A; COSTA, Rodrigo das N. Educação integral e território educativo: diálogos possíveis em um coletivo complexo. In: AZEVEDO, Giselle A. N.; TÂNGARI, Vera R.; RHEINGANTZ, Paulo A. **Do espaço escolar ao território educativo**: o lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2016, p. 19-30.

GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa. **Cadernos Cenpec** | Nova série, [S.l.], v. 1, n. 1, may 2006. ISSN 2237-9983. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/160>>. Acesso em: 18 mar. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v1i1.160>.

LOPES, Jader J. M. Geografia das crianças, geografia da infância. In: REDIN, Eucides; MÜLLER, Fernanda; REDIN, Marita M. **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007, p. 43-55.

SINGER, Helena (Org.). Definição e características da pesquisa-ação comunitária. In: SINGER, H. **Pesquisa-ação Comunitária**. São Paulo: Associação Cidade Escola Aprendiz/Fundação Itaú Social, 2011a, p. 17-34.

TONUCCI, Francesco. Citizen Child: Play as Welfare Parameter for Urban Life. **Topoi**, n. 24, p. 183-195, Springer 2005.